



Publicação
de Divulgação
Científica

chc

Ciência Hoje das Crianças



E S P E C I A L

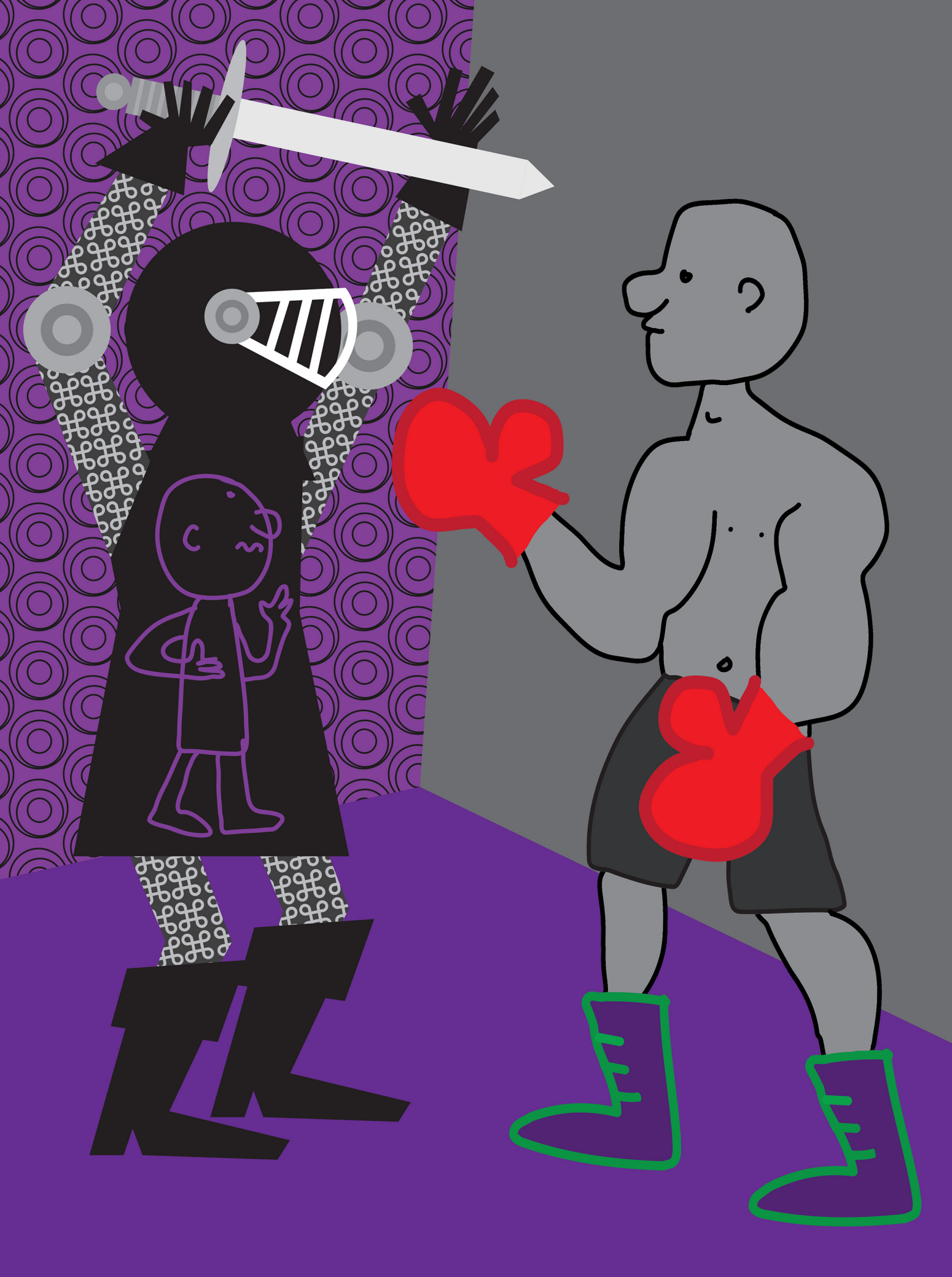


**Vamos falar de
violência?**



Violência não é algo simples, nem inevitável na vida. Mas ninguém quer viver em ambientes violentos, seja em casa, na escola, na rua ou no próprio país, certo?

Gritos, socos e pontapés podem ser formas de violência. Mas existem outras, muitas delas silenciosas. E por que a violência existe? Muita gente estuda o tema na tentativa de encontrar respostas para essa pergunta. E será que é possível pensar em formas de evitá-la? Ora, se a violência é possível de ser compreendida e estudada cientificamente, deve haver uma maneira de reduzir e enfraquecer seus efeitos. Vamos pensar sobre esse assunto?



O que é violência?

O significado da palavra “violência” podemos facilmente explicar. Vem do latim *violentia*, e quer dizer “ato de violar”, ou seja, invadir algo abruptamente. Agora, responder de bate-pronto o que é violência e o que significa ser violento não é tão simples, mas pode ser o início do caminho para construir esse entendimento.

O alemão Bertold Brecht, que escrevia sobre as relações humanas, por meio do teatro e da poesia, no século 20, definiu o que ele achava sobre a violência assim: “a corrente impetuosa dos rios é chamada de violenta, mas o leito do rio que a contém

ninguém chama de violento”. O que será que ele quis dizer com isso? Parece que Brecht vê o aperto provocado pelas margens que contêm o rio como um tipo de violência causada pelo cerceamento, pela limitação da expansão das águas.

Trazendo essa reflexão para a realidade humana, a violência é um fenômeno fruto das relações. Isso quer dizer que não vem do nada, há sempre uma razão que a estimula. E se é algo que aparece quando provocado, se compreendermos como ela nasce, podemos ajudar a controlar seus efeitos ou até evitá-los, não é mesmo?

É preciso escapar da violência

A violência assume diferentes formas. Ela aparece nas relações pessoais, seja individual ou coletiva. Surge também na vida política, envolvendo muitas pessoas, como nas guerras ou em crimes contra a humanidade, como é o caso da escravidão. Pode contaminar de tal maneira a vida de um povo ou de seus governantes que fica parecendo que não é possível viver sem que a violência esteja presente. E pode ser tão frequente na atitude de uma pessoa que passa a ser

vista como característica de personalidade: “ah, fulano nasceu assim, é raivoso!”. Será? Se a nossa compreensão de violência é a de que ela é disparada por algum fato ou condição, não vale dizer isso, você não acha?

Ninguém gosta de ser tratado de forma violenta. O que pode acontecer é que algumas pessoas acabam ficando acostumadas a conviver com a violência. Mas o costume não evita o sofrimento, nem a sensação ruim e a dor, seja física ou emocional, que o ato de violência traz. E uma vez constatada a sua presença e tudo de mau que ela produz, o sentimento de querer sair da situação violenta parece ser

inevitável. Aí mora uma das maiores bases de apoio para escapar da violência ou do “ser” violento: a vontade!

Por outro lado, se todos reconhecem que agir violentamente pode alimentar uma reação igualmente violenta, e que o que surge disso atinge duramente todos os envolvidos, por que acontece?

No lugar do outro

É preciso querer para que se possa ver uma saída para a violência. Para isso, a pessoa que mobiliza a violência precisa se colocar no lugar do outro, ou seja, praticar a reciprocidade. Opa! Já ouviu falar em reciprocidade? É um

princípio ético – dos princípios do bom relacionamento – fundamental nas relações humanas. Ou seja, é um ponto de partida do pensamento humano que nos ajuda a construir a base para condutas de boa convivência. É uma ideia aparentemente simples, mas muito forte: se colocar no lugar do outro pode ser um instrumento eficaz para reduzir a violência.

O resultado desse exercício (de ver no outro um pouco de nós) cria a força da vontade e a empatia. Esses dois fatores são meios poderosos para tentar evitar que se perpetuem ou se criem situações violentas, sejam as que nós sofremos ou que produzimos no outro.



A violência frequente nas atitudes de alguém passa a ser vista como característica dessa pessoa, mas isso não está certo.

Foto Freepik

A força do afeto

Algumas pessoas confundem violência com poder ou somente com a atitude violenta. Mas é o contrário. Em geral, quem precisa ser violento é porque se sente fraco, e usa a força como saída, seja física ou verbal. É um meio de disfarçar o próprio medo, ou de se proteger do que reconhece

como poder no outro. Seja uma pessoa ou um governo de um país, a violência quase sempre responde a um receio, um medo real ou imaginário.

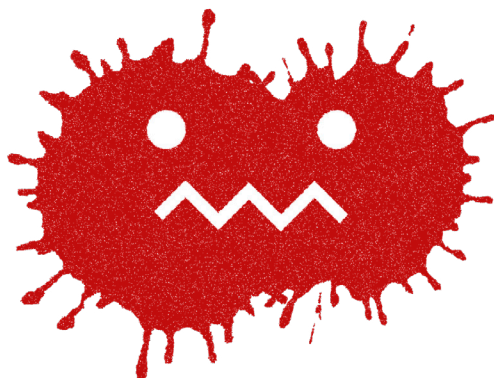
Na luta contra a violência, um mecanismo poderoso é o afeto. Ele não apenas alimenta a alma, mas o corpo. Ficamos mais fortes quando percebemos que somos capazes de criar laços sustentados

por sentimentos positivos em relação aos outros, e acabamos por despertar o mesmo nas pessoas. O bem-querer é algo que contribui para que a inteligência e a capacidade de notar a realidade aconteçam e para que a coragem de enfrentar os desafios cresça. Se o medo alimenta a violência, a coragem gerada pelo afeto é o que a pode enfraquecê-la.



Ficamos mais fortes quando percebemos que somos capazes de criar laços sustentados por sentimentos positivos.

Foto Freepik



Cultura da violência

A violência também pode ser entendida como uma cultura. Ela se aprende! É resultado de um longo processo em que as situações violentas se repetem, como um exercício. De tanto presenciar ou provocar atos violentos, fica parecendo normal ou natural. Mas, como todo fenômeno cultural, pode ser modificado, e até mesmo desativado em determinadas circunstâncias. Para isso, é fundamental conhecer como a violência se sustenta, e então ir abalando sua estrutura. Parece difícil destruir essas bases? E é mesmo! Nada que envolva transformações no comportamento humano pode ser visto como uma coisa simples. É preciso entender que a violência cria mais problemas do que soluções e, assim, buscar maneiras para evitá-la em nossas vidas, construindo um caminho mais inteligente e bonito para seguir.

Violência silenciosa

Muitas vezes se associam atitudes violentas à gritaria e confusão. Ou mesmo a brigas, que geram lutas corporais. Ou, pior, a tiros, como na luta armada. Mas a violência também pode vir no silêncio, quando decidimos não falar ou não dividir uma informação importante. É direito da humanidade o acesso à história e à memória. O silêncio estabelecido sobre determinados fatos ou processos foram fatores que impediram ou dificultaram a luta por justiça e cidadania. Há, sim, silenciamentos violentos, como quando se omite a história dos povos indígenas no Brasil, por exemplo, o que já gerou perdas imensas, inclusive de territórios e referências culturais. Trata-se de um tipo de violência que se produz no apagamento, naquilo que não é dito, e, por isso, não é percebida facilmente por quem não está envolvido. Contra esta violência é preciso muitas vezes se elevando, e se fazendo ouvir.



Não faça guerra!

Nos anos 1960, em razão da violência da Segunda Guerra Mundial e da Guerra do Vietnã, surgiu, nos movimentos que pediam o fim dos confrontos e pregavam a paz, uma frase que ganhou corações e mentes em diferentes partes do mundo: “faça amor, não faça a guerra”. O movimento *hippie*, um desses movimentos pacifistas, carregou essa ideia e acabou gerando a expressão “paz e amor”, para a qual foi criado inclusive um símbolo gráfico e um gesto característicos.

Filmes, músicas, poemas e pinturas foram produzidos como forma de denunciar a violência das guerras. Em letras de canções vinham frases como:

“imagine um mundo em que as pessoas vivessem suas vidas em paz”, verso de *Imagine*, a famosa canção do inglês John Lennon, sucesso do grupo The Beatles. E esse caminho se mostrava como o melhor para a sobrevivência da humanidade, incentivando o movimento que dizia um “NÃO” bem grande à guerra.

Guerras pela liberdade

Ainda no século 20, enquanto aconteciam as guerras, ocorriam também as lutas de libertação no continente africano. Nas antigas colônias portuguesas, como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o conflito armado

tinha o objetivo de alcançar a independência. O governo colonial português não cedia, e reprimia as reclamações que vinham do povo, levando vários africanos à prisão por lutarem pelo direito de ser livre em seu próprio país. Na década de 1970, quase todo o continente africano havia se livrado do injusto domínio colonial europeu.

Utilizando táticas de guerrilha, ataques surpresa e uma rede de resistência, os africanos combateram o colonialismo português, infelizmente, por ações violentas. Receberam apoio de várias pessoas em diferentes partes do mundo, inclusive de governos que lhes ajudaram com armas.

E assim ocorreram as guerras de libertação, que terminaram com a independência dos países africanos de língua oficial portuguesa. Os Palop, como ficaram mundialmente conhecidos, finalmente poderiam se autogovernar.

Você pode estar se perguntando: será que, em alguns casos, a guerra faz sentido?

Um pouco de reflexão

A guerra se caracteriza por uma violência generalizada, que atinge diretamente todos os que vivem no território do conflito e que pode se espalhar facilmente, como fogo em capim seco. Isso porque, uma vez iniciada a guerra, é difícil controlar seus efeitos. Assim, ela pode ir crescendo entre vizinhos ou aliados, mesmo distantes geograficamente. Uma guerra pode começar muito rapidamente, mas durar muito tempo.

Quase sempre quem declara guerra justifica sua ação apontando uma ação agressiva do seu inimigo. E quem é atingido clama e reclama por ter sido atacado injustamente. Ou seja: toda guerra é uma disputa de narrativas, do que um diz sobre o outro. Cada lado da guerra vai trazer uma história que justifica sua ação ou reação. Isso quer dizer que não tem verdade em nenhum dos lados? Que tudo é invenção de quem quer fazer guerra? Não se pode dizer isso sem correr o risco de cometer um erro grave.

Não reconhecer que algumas reações agressivas respondem a um tempo longo de opressão pode ser uma avaliação injusta. Esse foi o caso das antigas colônias portuguesas na África durante suas guerras de libertação. Como clamar pela paz se a guerra era, talvez, a



Manifestação na Holanda pelo fim da Guerra do Vietnã.

Foto Wikipédia

única saída para não continuar sofrendo, e até mesmo morrendo?

Para explicar as razões de uma guerra é preciso saber a história que existe antes dela. Esse exercício pode ser longo, mas é necessário. É preciso pensar em um conflito como um campo minado, cheio de explosivos enterrados no chão. Esses explosivos são os motivos acumulados por muito tempo. Já para saber

a razão, é preciso analisar as fontes de informação. Mas é fundamental que sejam fontes confiáveis, porque na “guerra de narrativas” há muita *fake news*, ou seja, informações falsas sobre as razões da guerra.

Mais complicado do que entender uma guerra, é viver num ambiente de guerra. Para quem está em algum lugar onde a violência é a regra do dia a dia, o único desejo é o fim do conflito, ou seja: a paz!

Quando a guerra vira jogo

A humanidade viveu muitas guerras ao longo de sua história. Algumas demoradas, outras mais curtas. Houve um tempo em que os conflitos eram marcados em campos de batalha específicos, em dias determinados. Os exércitos de cada lado lutavam entre si, com muitas disputas travadas, enquanto os reis e comandantes dos exércitos assistiam e ficavam torcendo por suas tropas.

Hoje, as guerras invadem todos os espaços, e parece ter desaparecido qualquer limite. As notícias dos conflitos recentes mostram que escolas e hospitais podem ser atingidos, e que sempre haverá quem “justifique” os ataques a alvos civis, isto é, a pessoas comuns. Isso torna as guerras ainda mais terríveis, porque atingem pessoas desarmadas e inocentes. Além disso, sugere que não há lugar seguro, porque a violência é generalizada.

E ainda existem as guerras que não viram notícia de jornal. As guerras esquecidas, nem por isso menos violentas e destruidoras, podem durar anos, e seguir destruindo pessoas e lugares sem nem serem vistas. Há décadas, por exemplo, está ocorrendo uma guerra no Sudão, país da África, e quase não vemos reportagens sobre este conflito. Parece que algumas guerras podem importar mais do que outras, não é mesmo?

O que leva algumas guerras a se destacarem tem a ver com o lugar onde se desenvolvem, e os interesses que este local pode despertar para os países mais poderosos e seus aliados. Uma guerra nunca é só do povo que sofre a violência do conflito diretamente, ela envolve a poderosa indústria de



Na Guiné-Bissau, o hasteamento da bandeira do país após a luta para deixar de ser colônia de Portugal.

Foto Wikipédia

armamentos e disputas políticas entre potências internacionais.

Infelizmente, a guerra também pode virar um espetáculo quando há armas sofisticadas de ataque e defesa, e exércitos bem equipados. As pessoas assistem pela televisão, computador ou celular, como se fosse a um filme. Não é sem razão que existem os jogos de guerra, transformados em diversão nos *videogames*. A capacidade de destruição, a violência, vira entretenimento. É importante pensar sobre isso!

Em paz

Também é importante lembrar que a paz pode ser muito divertida, muito animada, porque é na paz que podemos brincar, andar por onde quisermos, sem ter medo de ser atingido pela violência. Viver em

paz não tem tédio algum, nem significa que esquecemos que há muitas coisas a serem feitas para que o mundo seja um lugar mais justo.

A paz permite que a festa, a celebração, os encontros, as amizades e os amores floresçam. Todas essas coisas boas só podem existir satisfatoriamente onde não há violência generalizada. Evidentemente, sabemos que, mesmo em situações de guerra, continuamos, nem que seja escondido ou no escuro, celebrando a sobrevivência, fazendo amigos e amores. Mas seria melhor que não fosse assim! Por isso, nunca se deve perder de vista a possibilidade de convivermos numa sociedade em que a violência seja uma exceção, não a regra. Imagine todo mundo vivendo a vida em paz.



Outras guerras

Há guerras sem armas e sem exércitos que são travadas no dia a dia? Se entendemos a guerra como uma situação de violência generalizada, a resposta é sim. A luta pela sobrevivência em áreas marcadas por disputas violentas pode ser chamada de guerra. Afinal, o que caracteriza a guerra é a convivência diária com a violência, seja das forças do Estado, seja pela organização de bandidos locais. O medo sempre presente e a insegurança passam a fazer parte da normalidade. Essas guerras, em geral, se alimentam da desigualdade, da falta de oportunidades e da injustiça social.

O melhor caminho para a paz, nesses casos, é promover a igualdade, ampliar as oportunidades no local, e efetivar medidas políticas e sociais para suprir as necessidades. Promover a cidadania e o direito para todos e todas é um verdadeiro combate. As armas mais eficazes para essa batalha são aquelas que podem construir, em vez de destruir. Afinal, as guerras do dia a dia podem desaparecer ou ser muito enfraquecidas com investimento na vida das pessoas por parte de quem está no governo de uma cidade, estado ou país.



Rigoberta Menchu



Nelson Mandela

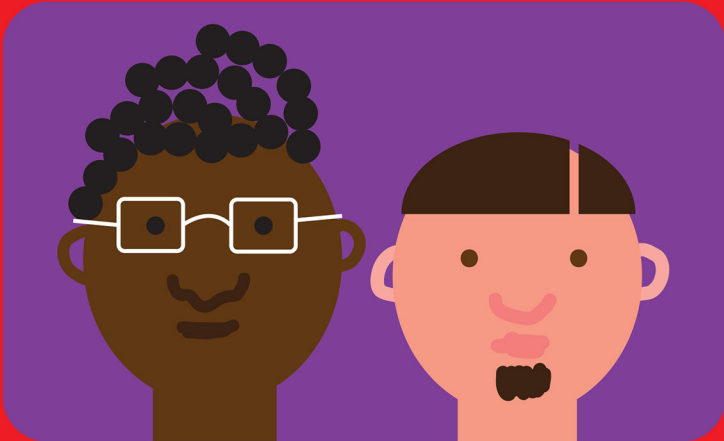
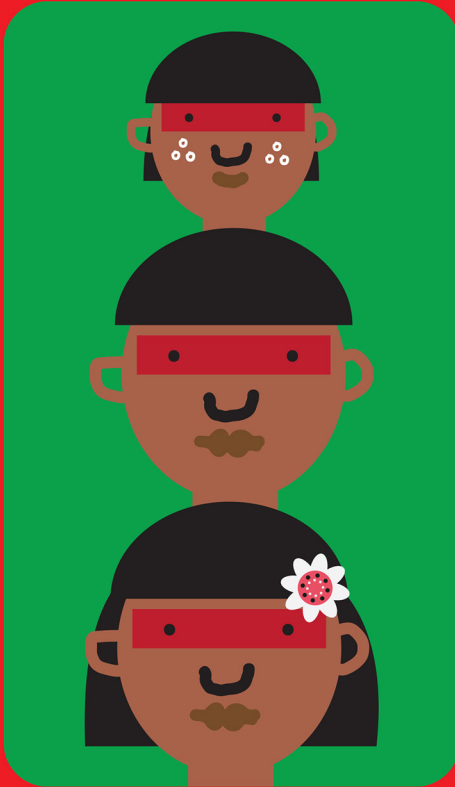
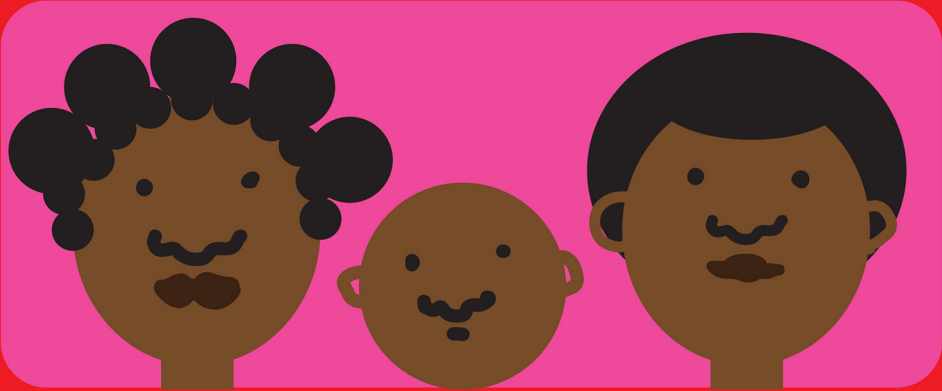


Malala Yousafzai

Pacifistas

Há personagens na História da humanidade que se destacaram por serem grandes defensores da paz e do bem-viver, os pacifistas. Existe até uma premiação anual que celebra aqueles e aquelas que mais lutaram neste sentido: o Prêmio Nobel da Paz. Rigoberta Menchu, da Guatemala, defensora dos povos indígenas; Nelson Mandela, da África do Sul, que lutou anos contra um regime racista no seu país; e Malala Yousafzai, do Irã, que luta pelos direitos das meninas iranianas a estudar, são alguns nomes de uma extensa lista de premiados. O que é importante observar nesta premiação é o tema central: a paz!

Muitas vezes, as personalidades reconhecidas não são apenas aquelas que enfrentam a violência de uma guerra declarada entre países, e sim o conflito silencioso da luta por direitos. A não violência não tem a ver apenas com baixar armas de fogo, mas garantir uma vida mais justa para todo mundo.



Escola de violência

Podemos aprender em diferentes lugares, não só na escola. Em casa, nas ruas, com amigas e amigos, nos lugares em que vamos nos reunir com outras pessoas... O conhecimento está em toda parte. Porém, o ideal é aprender em um ambiente de paz, sem a prática da violência, pois ela é um obstáculo para que a inteligência e o talento de uma pessoa possam se desenvolver.

Há séculos, aprender e estudar poderia ser muito triste, um castigo mesmo. Mas não era por conta das matérias difíceis! Houve um tempo em que a escola era um lugar triste, de medo e dor. Alguns

educadores eram muito rudes, humilhavam os alunos e até usavam de castigos físicos. Para algumas pessoas era tão difícil conviver com esta violência na escola que muitas desistiram de estudar. Outros se adaptaram ao ambiente violento e obedeciam sem reclamar para não serem punidos.

A cultura do medo nas escolas era muito grande. Mas os alunos conseguiam aprender mesmo assim, porque resistiam, porque conseguiam se apoiar, durante os intervalos, no amor e na amizade dos colegas, ou porque recebiam um reforço positivo de alguns professores que não seguiam as regras da violência.

Herança de violência

O Brasil tem uma história de muita violência não só na escola. A escravização de indígenas, africanos e seus filhos negros sustentou durante séculos a sociedade brasileira. Essas pessoas eram tratadas como mercadoria, e o trabalho era obrigatório e não remunerado. Assim, a violência era reforçada naturalmente.

Essa cultura de violência se espalhou por todos os lados, não só nas relações de trabalho, mas nas famílias e em relação a todas as pessoas que eram vistas como “incapazes”, em especial as mulheres e as crianças.

Depois de 1888, quando a escravidão foi legalmente abolida, a cultura de violência não foi embora, ficou como herança nos corações e mentes dos brasileiros. E teve o reforço do racismo, que impregnou o ambiente escolar e até mesmo o científico. Além disso, o modelo de mundo patriarcal, em que o homem, o pai de família, manda em todo mundo sem direito a ser questionado também era uma forma de violência.

Tudo isso ajudou a fortalecer o peso deste nosso passado violento.

Os outros

A justificativa da violência, quando é legalizada ou tolerada, é sempre a existência de um “outro”, de um desconhecido que seria

potencialmente perigoso. Na verdade, “o outro” não passa de alguém diferente daquele que se sente no direito de mandar, sem restrições. Como parte desta herança de um país escravista, racista e patriarcal, esse “outro” seria os indígenas, os negros e as mulheres, sobretudo quando fossem desobedientes. Para justificar o poder sobre essas pessoas, era preciso reforçar a ideia de que elas eram menos capazes, que não aprendiam, que nunca seriam importantes. Imagine uma escola em que, durante um longo tempo, se defendeu este tipo de pensamento!

Preconceito alimenta preconceito. E assim, ao longo do tempo, várias outras diferenças foram colocadas como sinal de defeito, dentro e fora da escola: o

comportamento com relação à sexualidade, ao formato do corpo, à textura do cabelo e até mesmo à religião. Estar fora do que se estabeleceu como “normal”, como padrão, significa que você pode estar exposto ao fato de não ser capaz e aos maus-tratos por não saber o seu potencial.

Não faça bullying

Hoje já é possível identificar o mal que um pensamento preconceituoso traz, não só para quem recebe a violência, como para quem a comete. Ofender com palavras racistas, machistas, capacitistas (que diminuem pessoas com deficiência) são atitudes que têm esse poder de destruição. Existe até um nome para esse comportamento tão danoso:



Bullying não é brincadeira, é uma violência que cria traumas e prejudica o ambiente escolar.

Foto Freepik



bullying, palavra estrangeira que nos faz lembrar outra palavra brasileira, bulir, sinônimo de mexer, provocar, zombar.

Bullying é um ato de desrespeito, de ataque, para causar sofrimento em outra pessoa. Não é uma brincadeira, é uma violência que cria traumas, dificulta o ambiente escolar e atrapalha a boa convivência entre os alunos e a aprendizagem.

Desaprender violência

O grande líder sul-africano Nelson Mandela disse uma vez que “ninguém nasce odiando ninguém por sua cor da pele”. Ou seja, as pessoas aprendem a ser racistas. Se pensarmos assim, dá para concluir que podemos aprender a não

ser racistas, machistas ou homofóbicos (preconceito por pessoas que se relacionam amorosamente com outra do mesmo sexo). Podemos verdadeiramente aprender a respeitar as escolhas, sejam elas amorosas ou religiosas, de cada um, e a entender que nem todos têm a mesma forma de lidar com o conhecimento.

A violência está inserida na cultura, mas isso não quer dizer que seja inevitável. Nem tudo que nos foi imposto deve ser guardado. Muitas vezes, temos que “desaprender” certas coisas que só nos atrapalham na vida. E isso, no ambiente escolar, tem a ver tanto com estudantes quanto com trabalhadores da educação, que atuam na escola em qualquer função.

Todos juntos

É certo que a escola sozinha não consegue construir estas aprendizagens, é necessário que as famílias e a comunidade sejam aliadas. Também é importante que as mídias ajudem, divulgando e valorizando atitudes de respeito e tolerância. Na verdade, tolerância significa aceitar um fato ou um comportamento por obrigação. Respeito não, respeito é bom e a gente gosta.

Uma cultura do respeito é o que pode servir como antídoto à violência na escola. E, combatendo a violência no ambiente escolar, preparamos cidadãos e cidadãs fortes e amorosos/as. Afinal, queremos isso para nosso presente e futuro, não é?!



Outras escolas

Há diferentes tipos de escolas entre os muitos povos no mundo. Em certas comunidades indígenas do Brasil, por exemplo, a aprendizagem das crianças acontece por meio de brincadeiras. Entre os Xavante, as crianças vão brincando de fazer arcos e flechas, copiando os adultos, até aprenderem a fabricá-los bem. Ao brincar de fazer uma maloca de barro, se aprende a lidar com o material e ao mesmo tempo se compreende o espaço da casa e o que ele significa. Os indígenas nos ensinam que brincar é coisa importante.

Nos seus rituais religiosos, também se aprendem valores, regras e caminhos para se relacionar com o sagrado. Ao repeti-los muitas vezes, esses ensinamentos ficam guardados na memória.

Há escolas em aldeias, como parte do direito que os indígenas têm à educação pública. Essas escolas, por serem em territórios indígenas e com professores especialmente preparados, visam diminuir a violência que as demais escolas brasileiras produzem para os estudantes desses povos.

Autoridade e autoritarismo

As duas palavras têm a mesma raiz e parecem se referir à mesma coisa. Mas não é verdade! Uma delas carrega um forte conteúdo de violência, e outra pode ser entendida como o reconhecimento legítimo de um lugar de poder. E poder nem sempre é ruim, depende de como é exercido por quem o tem nas mãos. Já adivinhou esses significados diferentes?

Autoritarismo: é o exercício de um poder de uma maneira que não se respeita as pessoas e seus direitos.

Autoridade: é um poder que se tem a partir do entendimento das pessoas de que um indivíduo reúne qualidades que o tornam digno de ter este lugar de importância política ou religiosa.

No autoritarismo, a violência é sempre presente. No exercício reconhecido da autoridade, nem sempre...



Liberdade contra violência

Angela Davis é uma intelectual estadunidense, e sua atividade é pensar nas questões que afligem a humanidade. Seus estudos têm como foco os movimentos negros, que são as atividades de luta pelos direitos das pessoas negras da sociedade, tanto no seu país de origem como mundialmente. Uma das frases famosas de Davis diz assim: “Temos que falar sobre libertar mentes, tanto quanto sobre libertar a sociedade”. Para ela, e para tantos outros pensadores, uma boa maneira de combater a violência é a liberdade. Neste caso, falam

da liberdade da mente, que se encontra aprisionada no círculo vicioso da violência, que só gera mais violência.

Paulo Freire, educador brasileiro reconhecido como um dos grandes pensadores do século 20, criou um método que defendia a educação como prática de liberdade. De acordo com ele, somente em ambiente de liberdade poderia acontecer uma aprendizagem eficaz, que produziria um conhecimento também libertador e, por isso, transformador.

Cecília Meirelles, poeta brasileira, disse que liberdade

é “essa palavra que o sonho humano alimenta, e não há ninguém que explique nem ninguém que não entenda”. Esta frase nos faz lembrar que o desejo de liberdade é tão forte quanto difícil de definir, faz parte do sonho das pessoas. E por isso que a liberdade é tão importante!

O caminho da não violência

Essas três ideias de liberdade contribuem para pensarmos na não violência como um caminho ativo. Não se trata somente em não reagir a uma provocação,

mas de pensar em uma reação que rompa com um tipo de atitude que só vê vitória no sofrimento e na destruição do outro. Em lugar disso, criar uma outra maneira de conviver, mais cordial.

A liberdade é uma ideia chave para se pensar a transformação de uma cultura de violência em uma cultura de respeito. Com ela, é possível reconhecer autoridades, colocá-las em seu lugar, sabendo sempre que os direitos da coletividade serão respeitados, pois há limites para o poder. Com liberdade se pode derrubar os obstáculos criados por uma mente acostumada aos usos da violência, e aos limites criados pelo medo. Não se pode combater a violência com as mesmas armas, e sim com aquelas que apontem outros caminhos, onde a ideia de liberdade seja mais forte.

O bem enfraquece o mal

Em todas as situações de conflito, sempre haverá um desejo de que a violência se acabe. Nenhuma relação, seja ela pessoal ou política, se sustenta somente no combate. Haverá sempre lugar para o sonho da paz. Muitas vezes este sonho pode parecer impossível, mas o difícil é conseguir ver uma saída.

Recriar a paz é complicado porque estamos acostumados a entender que a reação contra a violência tem de ser violenta. Isso não significa que o certo é não reagir e suportar a violência. Significa que o ideal é buscar a raiz da violência, tratá-la e transformá-la em paz.

Não se enfrenta a violência sozinho. Sempre é importante termos aliados e aliadas, que nos ajudam a nos proteger, além de combatê-la. Ato violentos

se enfraquecem diante da solidariedade, da amizade, em perceber que seu alvo não está abandonado. E outra coisa: a violência gosta de se disfarçar, de fingir e de se esconder atrás de mentiras, ou de um discurso de injustiça ou tom de brincadeira. Então, mostrar a verdade ajuda a desmascará-la, e, para isso, é preciso reunir provas e testemunhas.

Estratégias contra a violência

A violência se alimenta do medo e do silêncio. Falar é importante, mas com quem? Uma estratégia que, em alguns casos, costuma funcionar é a de tentar que alguém que seja mais próximo do autor, da autora ou dos autores da violência sinalize o erro. Muitas vezes, sendo visto como violento pelos que lhe são próximos, o agente da violência recua.



P. J. J.
28.12.61.



Os centros de recepção de imigrantes são núcleos de acolhimento que podem gerar apoio no combate à violência.

Foto Operação Acolhida/Ministério da Defesa/Divulgação

A violência, quando é pessoal, e não é uma guerra, pode diminuir se for oferecido às pessoas violentas algo para se ocupar. Algo que a/o distancie dos alvos de seus atos violentos e lhe faça exercitar o autocontrole e suas boas qualidades. Todo mundo tem um lado bom, mesmo que muito escondido!

Nada disso é possível se não buscarmos, ao mesmo tempo, criar uma série de hábitos que façam com que a violência não se crie, nem seja confortável. A arte e a música ajudam muito nisso, porque abrem a sensibilidade e canalizam boas energias. Fazer trabalhos artísticos, aprender a tocar instrumentos, ou a cantar, fazer teatro, além de serem poderosos instrumentos de aprendizagem, nos ajudam

tanto a nos defender da violência como a enfraquecê-la. A beleza, a sensibilidade e o humor também são poderosos antídotos para conter a violência.

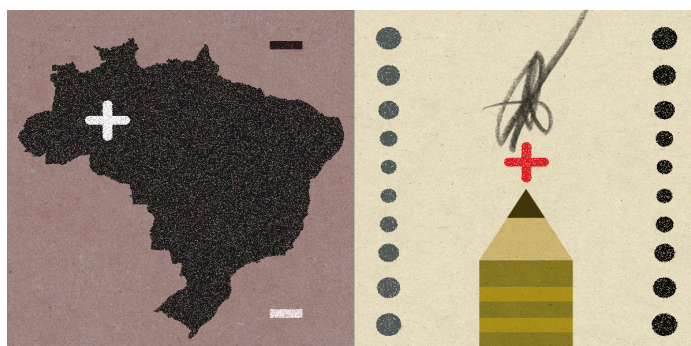
Acolher é preciso

Pensamos em muitas maneiras de enfraquecer a violência, mas uma das mais importantes delas é acolher quem sofre com ela. Não é à toa que foram criados pelo mundo lugares para receber as vítimas de situações violentas. Eles precisam existir mesmo, porque quem sofre violência deve ser defendido e protegido, sempre. Não vale sair dizendo “reaja!”, nem perguntar como a pessoa ou as pessoas se permitiram viver aquelas situações. Primeiro, é preciso acolher, depois, ouvir, e, por

fim, se houver muita confiança, aconselhar.

No Brasil existem, em algumas cidades, por exemplo, centros de recepção de imigrantes de diferentes partes do mundo, que vieram de territórios em guerra, que perderam pessoas e coisas importantes. Estes lugares são núcleos que podem gerar apoio no combate à violência, mostrando a quem chega, castigado/a pelo caminho, a superação pelo acolhimento. Esses refúgios devem mostrar, inclusive, opções de trabalho e arte, para alimentar os sonhos dos refugiados.

Combater a desigualdade, incluir, lutar por um mundo mais justo e apoiar quem batalha por isso é o caminho mais eficaz para reduzir muitas violências. Pense sobre isso!



Brasil pacífico?

Durante muito tempo, defendeu-se a ideia de que o Brasil era um país cordial, que aqui as pessoas quase não se desentendiam, que não tínhamos guerra com nenhum outro país, que éramos só alegria e confraternização. De tanta divulgação, ainda há quem acredite nisso. Em nosso país, infelizmente, existe muita desigualdade, racismo, machismo e todos os preconceitos que fomentam condutas violentas. É verdade que podemos ser um povo simpático e que, na maioria das vezes, recebemos muito bem os visitantes. Porém, nossa história é marcada pela violência também. Temos de ser conscientes dessa herança de violência para lutar contra suas causas e, ao mesmo tempo, fazer do nosso talento para a alegria algo que de fato inclua todo mundo. Aí, sim, faremos por merecer o título de país da paz.

Diplomacia

Em praticamente todos os governos de diferentes países do mundo, existe a figura dos diplomatas. São os encarregados de negociar com os países estrangeiros, de apoiar seus países de origem em território estrangeiro e promover aproximações. É uma profissão antiga e ela tem um caráter muito forte de defesa do diálogo e da resolução de conflitos. Portanto, quem é diplomata contribui fortemente para a não violência.

Muitas vezes, diplomatas vivem situações tensas e perigosas, e seu trabalho é conseguir sair delas com a situação controlada. Por isso, quando alguém consegue agir de maneira eficaz e delicada, evitando uma briga ou um desentendimento, dizemos que atuou com diplomacia.

O Brasil tem uma diplomacia muito respeitada no mundo e uma instituição que forma diplomatas competentes, o Instituto Rio Branco, que é considerada uma referência internacional na área.

Esta edição tem texto e curadoria científica de Monica Lima, Laboratório de Estudos Africanos (LEÁFRICA), Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.



As edições especiais da Ciência Hoje das Crianças (CHC) são publicações do Instituto Ciência Hoje.

Coordenação editorial:
Bianca Encarnação.

Editores de texto:
Bianca Encarnação, Cathia Abreu, Elisa Martins e Thaís Fernandes.

Direção de arte:
Walter Vasconcelos.

Programação visual e diagramação:
Fernando Vasconcelos e Luiza Merege.

Ilustrações: Mariana Massarani.

Contato:
redacao.chc@cienciahoje.org.br